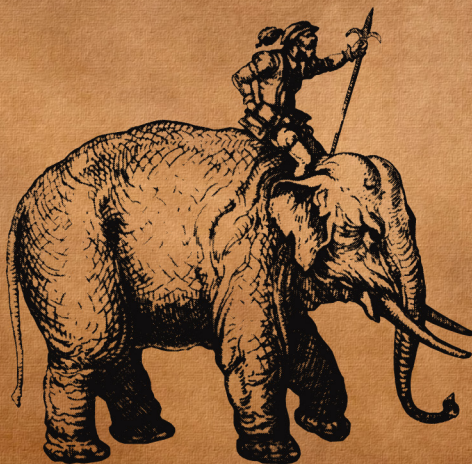


# SALOMÃO

## O Elefante Diplomata



JORGE NASCIMENTO RODRIGUES  
TESSALENO DEVEZAS

CENTROATLANTICO.PT



## Colecção Desafios

OBRAS DOS AUTORES

### Portugal – O Pioneiro da Globalização

*O caso português na história da ascensão e queda das superpotências. A identificação de uma «Matriz das Descobertas» – um leque de princípios válido para o séc. XXI.*

[www.centroatlantico.pt/globalizacao](http://www.centroatlantico.pt/globalizacao)

### Pioneers of Globalization: Why the Portuguese surprised the World

*A consagração do pioneirismo português para um público global.*

[www.centroatlantico.pt/globalization](http://www.centroatlantico.pt/globalization)

### 1509 – A Batalha que Mudou o Domínio do Comércio Global

✧ No Vº Centenário da batalha de Diu ✧

*Como, à revelia de D. Manuel I, o vice-rei D. Francisco de Almeida, vingando a morte do filho, ganhou a batalha mais importante dos Descobrimentos.*

[www.centroatlantico.pt/1509](http://www.centroatlantico.pt/1509)

### Salomão – O Elefante Diplomata

*A história da última jóia do Império – Salomão, o elefante oferecido por D. João III ao futuro imperador da Casa de Áustria.*

[www.centroatlantico.pt/salomao](http://www.centroatlantico.pt/salomao)





## Os Autores

**JORGE NASCIMENTO RODRIGUES**, 56 anos, é editor dos portais [www.janelanaweb.com](http://www.janelanaweb.com) e [www.gurusononline.tv](http://www.gurusononline.tv) (trilingue) e do blogue de geopolítica [geoscopio.tv](http://geoscopio.tv). É colaborador do semanário português *Expresso* desde 1983 e coordenador da *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*. Foi fundador e editor, nos anos 1980, da revista portuguesa *Futuro*. É coordenador editorial no Centro Atlântico e co-autor de diversos livros em português (editados pela Quarta Vaga, Centro Atlântico e INDEG), inglês (Prentice Hall e Centro Atlântico) e castelhano (Pearson Educación).

**TESSALENO CAMPOS DEVEZAS**, 61 anos, é Professor Associado com agregação no Departamento de Engenharia Electromecânica da Universidade da Beira Interior (UBI). Licenciado em Física, em 1969, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, doutorou-se, em 1981, pela Universidade Erlangen-Nuremberga, Alemanha, em Engenharia de Materiais. Coordena, na UBI, o Grupo de Trabalho em Previsão Tecnológica e Teoria da Inovação e é membro do Corpo Consultivo do periódico *Technological Forecasting & Social Change*. Foi galardoado, em 2004, com a Medalha de Kondratieff, atribuída pela Academia Russa de Ciências Naturais, pelo seu conjunto de trabalhos sobre as Ondas de Kondratieff. Tem cerca de 50 artigos publicados em revistas internacionais e é editor dos livros *Kondratieff Waves, Warfare and World Security* (IOS Press, 2006) e *Globalization as Evolutionary Process* (Routledge, 2008).



# SALOMÃO

## O Elefante Diplomata

---

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES  
TESSALENO DEVEZAS

# **SALOMÃO**

## **O Elefante Diplomata**

### **Editora**

Centro Atlântico

### **Colecção**

Desafios

### **Autores**

Jorge Nascimento Rodrigues

Tessaleno Devezas

### **Coordenador editorial**

Jorge Nascimento Rodrigues

### **Revisão e copydesk**

Catarina Nascimento Rodrigues

### **Capa e paginação**

António José Pedro

### **Imagem da capa**

Montagem sobre *Wallpaper2* por  
DJean911 e *O Rei da Boémia e o Elefante*  
por Michael Minckh (1552)

### **Impressão e acabamento**

Papelmunde – SMG, Lda

1.ª edição: Novembro de 2008

ISBN: 978-989-615-073-0

Depósito Legal: -----/08

© Centro Atlântico, Lda., 2008

Ap. 413

4764-901 V. N. Famalicão, Portugal

Rua da Misericórdia, 76

1200-273 Lisboa, Portugal

Tel. 808 20 22 21

**geral@centroatlantico.pt**

**www.centroatlantico.pt**

Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda.

Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

## ÍNDICE

---

	<i>Agradecimentos</i>	9
PRÓLOGO	<b>Histórias Exóticas do Império</b>	11
CAPÍTULO 1	<b>Um Príncipe adolescente na Lisboa Exótica</b>	23
	<i>PAINEL I: O grupo de adolescentes do Paço</i>	29
CAPÍTULO 2	<b>Annone, o elefante branco do Papa</b>	37
	<i>PAINEL II: Um epitáfio para a posteridade</i>	54
CAPÍTULO 3	<b>Ganda, o rinoceronte de Dürer</b>	59
	<i>PAINEL III: O rei «vagaroso» e o irmão «guerreiro»</i>	73
CAPÍTULO 4	<b>Salomão, o elefante que apaixonou a casa de Habsburgo</b>	81
	<i>PAINEL IV: Os dois primos rivais – trajectórias divergentes</i>	86
	<i>PAINEL V: Salomão-cavaleiro – o enigma do nome</i>	109
EPÍLOGO	<b>O legado de Salomão e a orfandade de Sebastião</b>	113
	Roteiro e Mapa da viagem do elefante Salomão	117
	Bibliografia	123





## AGRADECIMENTOS

---

Ao produtor Karl Saurer (Cinematograph Filmeverleih, Suíça) e ao historiador Zoltán Biedermann (Centro de História de Além Mar, Universidade Nova de Lisboa) pelas informações recebidas e pela disponibilidade para a troca de ideias.

Ao historiador vienense Ferdinand Opll (Arquivo Histórico da cidade de Viena) pelo envio dos seus trabalhos que constituem um inestimável contributo científico para o esclarecimento das controvérsias que envolvem o episódio do elefante Salomão.

Um agradecimento, também, ao coleccionador Luís Miguel Ribeiro pela disponibilidade para facultar a sua colecção de obras sobre a Lisboa medieval e renascentista.

Finalmente, um agradecimento ao Editor – Libório Manuel Silva – pela ideia de mais este projecto aliciante sobre o período da Expansão portuguesa.



## HISTÓRIAS EXÓTICAS DO IMPÉRIO

---

*«Permita-me sugerir que Vossa Majestade dê ao animal um novo nome – o nome do maior inimigo das Terras Cristãs e da Vossa família real – Sultão Salomão.*

*Assim, como escravo de Vossa Majestade, ele será propriamente reduzido e humilhado.»*

Palavras de João III em alegada carta ao seu sobrinho Maximiliano, por ocasião da oferta de um elefante indiano como prenda de casamento (1551).

**N**O PALCO DA HISTÓRIA – com H grande – também aparecem animais e, por mais paradoxal que pareça, animais da selva. Alguns foram actores exímios da diplomacia portuguesa do século XVI. Os mais famosos foram três paquidermes – cujas histórias contamos neste livro. A sua curta vida como diplomatas foi mais marcante no estrangeiro do que entre nós. Lá fora ganharam a celebridade, sendo imortalizados em murais, gravuras, nomes de ruas, poemas, monumentos, estalagens, romances, cartas secretas e até livros para crianças.

O mais tardio foi Salomão – que já inspirou pelo menos um filme e ainda é tema recente de ficções, mas cuja história é a menos conhecida entre nós. Salomão é, por isso, o nosso paqui-

derme de eleição neste livro, que serve de convite para revisitar uma vez mais a História portuguesa.

Salomão nasceu na província de Kerala, no sudoeste da Índia, provavelmente em 1540. Pouco se sabe sobre as suas origens ou sobre a sua infância, mas é certo que foi como paquiderme adolescente da espécie *elephas maximus indicus* (elefante indiano) que desempenhou o papel de protagonista principal de um importante evento da política internacional da Europa renascentista de meados do século XVI.

O bizarro acontecimento de marketing político consistiu na oferta pelo rei português João III de um elefante indiano, devidamente acompanhado de um luxuosíssimo séquito de outros animais exóticos e de nobres da corte, como prenda ao seu sobrinho Maximiliano, Rei da Boémia e da Hungria e príncipe coroado do Sacro Império Romano-Germânico. O faustoso séquito desembarcou em Génova, atravessou os Alpes do Tirol e, seguindo depois pelos rios Inn e Danúbio, chegou a Viena em Março de 1552, onde foi recebido sob imenso júbilo popular.

Por onde passou deixou marcas profundas que até hoje perderam no imaginário e em monumentos bem concretos. A memória histórica de Salomão – tal como a de outros paquidermes do Império português, de que falaremos adiante – marcou a paisagem da nossa projecção geopolítica, tal como o fizeram os padrões, as feitorias, as fortalezas, as igrejas, a toponímia, as simples palavras ou a língua que deixámos pelos quatro cantos.

Um detalhe pitoresco e controverso desta estória foi a sugestão do rei português, supostamente dada por carta (e que citamos a abrir este Prólogo), para Maximiliano apelidar o animal de Salomão (variante de Suleiman), nome do Sultão do poderoso Império Otomano (entre 1520 – 1566), que era então o maior inimigo do mundo cristão europeu, e principalmente do Sacro Império. A tentativa dos otomanos de sitiar e conquistar

Viena fora repelida em 1529, mas o Sultão Salomão conseguira expandir o território do seu império até às fronteiras austríacas, tendo subtraído ao Sacro Império uma boa fatia do território da Hungria.

*Mas qual foi de facto a importância e o impacto político desta operação diplomática tão bizarra? Terá sido apenas um evento pontual, sem qualquer outro significado para além de exprimir o capricho e extravagância de reis e príncipes de uma Europa medieval que começava a tomar consciência de uma nova realidade global?*

As respostas a estas perguntas não são triviais e só podem ser compreendidas dentro do contexto bem complexo de uma Europa em transição de um sistema obscurecido por mitos e tradições medievais para um novo sistema aberto a todo o tipo de conhecimento, científico, social, económico e político, que adquirira em poucas décadas uma dimensão planetária. E, como sabemos, Portugal desempenhou um papel fundamental nesta transição de ouro.

A história do elefante Salomão tem, por isso, um profundo significado que diz respeito a três aspectos da realidade europeia do século XVI: *político, económico e científico*. Há que considerar, ainda, a sua *vertente simbólica*, pois não é difícil imaginar que um animal de grande porte, e com a reconhecida inteligência de um elefante, carregasse, por si só, um enorme carisma e significado psico-social, quando subitamente emergiu num tecido humano em que era praticamente desconhecido.

Por isso, falar de Salomão obriga a contar as histórias dos outros paquidermes diplomatas do tempo de Manuel I e que ficaram célebres na história europeia – o elefante branco que seria a paixão do Papa Leão X, baptizado com o curioso nome de Annone pela população romana, e um rinoceronte que jamais chegaria vivo a Roma e que deixou maravilhado o rei francês ao largo de Marselha e que, à falta de baptismo, ficaria conhecido por Ganda (a palavra indiana para este tipo de paquiderme).

Como veremos nas histórias deste livro, estes três bichos pontuaram a extraordinária e rápida ascensão de Portugal como primeira potência comercial globalizadora. Mais do que a pimenta, a canela, a noz-moscada, o gengibre e o cravinho – que acicataram a Expansão portuguesa pelos oceanos –, mais do que as jóias verdadeiras, o coral, o marfim, as porcelanas, a seda e os tecidos finos, estes bichos exóticos carregavam ‘magia’ para o comum dos europeus. Faziam parte do imaginário do ‘outro’ mundo que a maioria não conhecia, nem nunca visitaria.

Dois elefantes, um branco e um cinzento, e um rinoceronte, que ficaria célebre por uma gravura em madeira e um desenho do famoso Albrecht Dürer, foram os exóticos e inocentes protagonistas de jogos de poder mundiais. Foram, também, inesperadamente verdadeiras ‘estrelas’, arrastando massas em euforia por onde passaram, juntando nobres e pobres em correrias loucas, devastação urbana, barulheira infernal – em suma, uma experiência pessoal única.

## DOIS MOMENTOS DISTINTOS DA EXPANSÃO

No seu conjunto, estes três invulgares acontecimentos foram o culminar de dois ‘momentos distintos’ da projecção internacional de Portugal, distanciados pelo curto espaço de tempo de uma geração – separados pela passagem de pai para filho.

Os dois primeiros eventos, protagonizados pelo elefante branco Annone e pelo rinoceronte Ganda, ocorridos entre 1514 e 1516, e que são descritos nos Capítulos 1, 2 e 3 deste livro, coincidiram com o ápice e com o momento de ‘execução’ do projecto de poder hegemónico de Portugal durante o reinado do «Venturoso» Manuel I.

Este período já foi analisado em duas obras anteriores dos autores: em **Portugal – O Pioneiro da Globalização** (2007,

Centro Atlântico), onde a trama é situada dentro do contexto geral do pioneirismo português durante todo o processo de expansão e de Descobertas; e em **1509 – A Batalha que Mudou o Domínio do Comércio Global** (2008, Centro Atlântico), em que a acção do monarca é examinada dentro das décadas decisivas de 1498-1518, altura em que Portugal se consagrou de facto como primeira potência global.

O terceiro evento, protagonizado pelo elefante Salomão, ocorrido entre 1551 e 1552, e descrito em detalhe no Capítulo 4 deste livro, correspondeu ao período de reorientação da política externa da coroa portuguesa, então sob a batuta do «Piedoso» João III.

De facto, há uma diferença simbólica entre Annone e Salomão – o primeiro simbolizava a projecção mundial dos tempos manuelinos e era ele próprio um adereço real de poder global; o segundo já era encarado, pelo rei português, como objecto de ‘escravidão’ e de ‘humilhação’ de terceiros (os turcos).

Num parágrafo apenas, em sentido figurado, havia todo um vasto oceano entre os dois reinados e entre Annone e Salomão. Depois de esgotado o projecto imperial «manuelino» (uma tentativa de Manuel I hegemonizar o mundo então conhecido, esmagando o império egípcio que então dominava, com Veneza, o comércio das especiarias), o reinado de João III viu-se confrontado com uma nova realidade geopolítica.

Subitamente, os portugueses davam-se conta de uma explosão ‘multipolar’ de grandes potências à procura do seu lugar ao Sol: desde o projecto imperial da casa dos Habsburgos (protagonizado pelo primo e cunhado de João III, o imperador Carlos V), à emergência do império turco-otomano e da França (que já repartia zonas de influência no mundo com os Habsburgos), e à tomada de consciência pelos europeus da enorme dimensão e do peso histórico da China.

O episódio do elefante Salomão pode ter consistido numa astuta jogada política de João III tentando atrair para a coroa



portuguesa a atenção do possível futuro imperador do Sacro Império (coroado em 1564, já depois da morte do monarca português). Este último império europeu estava, então, imerso numa complexa disputa de sucessão entre as duas linhagens dos Habsburgos (a espanhola e a austríaca) e metido no meio do conflito entre o Papado romano e o cisma luterano que se expandia em terras germânicas.

Assim, o episódio do elefante Salomão poderá ter sido uma manobra inteligente do rei português com o fim de conter as intenções megalómanas da linhagem espanhola, representada pelo imperador do Sacro Império e rei de Espanha, Carlos V, e de seu filho Felipe (que os portugueses viriam a conhecer de perto), primo de Maximiliano e sobrinho de João III.

Lamentavelmente, é escassa a bibliografia em português sobre o evento associado ao elefante Salomão, razão adicional que nos levou à publicação desta obra.

Fecha o livro um roteiro detalhado da extraordinária viagem de Salomão desde Génova até Viena, um lento percurso que durou cinco meses, atravessando a pé os Alpes do Tirol em pleno rigor do Inverno dos finais do ano de 1551 e início do ano de 1552.

## **SÍMBOLOS DE UMA TRANSIÇÃO DE OURO**

Os elefantes não eram um elemento completamente estranho em solo europeu. As gentes deste continente travaram contacto com estes imponentes paquidermes pela primeira vez em 327 a.C., quando Alexandre, «o Grande», os trouxe da Índia e os incorporou nas suas falanges militares como instrumento de guerra.

Em 281 a.C., o general grego Pirro usou 26 elefantes contra os romanos na batalha de Heraclia, no sul de Itália. Ainda no século III a.C., Aníbal, o general cartaginês, usou-os como forças

## CAPÍTULO

# 1

## UM PRÍNCIPE ADOLESCENTE NA LISBOA EXÓTICA

---

### TERREIRO DO PAÇO DA RIBEIRA

*3 de Junho de 1515*

*«De lá [Índia] vieram também cinco ou seis elefantes em tempos de El-Rei D. Manuel, “o Venturoso”. Destes vi eu três, quando pajem deste prudentíssimo Príncipe, e ainda um rinoceronte, todos adiante do mesmo Senhor, que montava a cavalo. Também vi o combate de um desses elefantes com o rinoceronte, sucesso, na verdade, digno de admiração, em que morreu o elefante. Tal folgança proporcionou o mesmo “Venturoso” Rei D. Manuel, em Lisboa, se bem recordo, pelos anos de 1515 ou 1516.»*

DAMIÃO DE GÓIS, **Hispania** (1541).

### CENÁRIO

O combate das feras do Império num domingo da Santíssima Trindade. João fazia treze anos quatro dias depois.

## CAPÍTULO

# 2

## ANNONE, O ELEFANTE BRANCO DO PAPA

---

### A FAMOSA EMBAIXADA DE MANUEL I A ROMA

*12 de Março de 1514*

*«Roma cria os seus macacos e cabras selvagens.  
E todo o tipo de bestas, ainda mais do que na Índia e África.  
E, agora, que Leo se tornou o seu Rei,  
Todos os animais, mesmo o enorme elefante,  
Deverão honrá-lo.»*

Verso composto em latim por autor anónimo e colocado na estátua de Pasquino, em Roma (1514).

### CENÁRIO PRINCIPAL

Praça de São Pedro na *Città Eterna*

## CAPÍTULO

# 3

## GANDA, O RINOCERONTE DE DÜRER

---

### UM NAUFRÁGIO A CAMINHO DE ROMA

*Dezembro 1515-Fevereiro 1516*

*«Para lhe dar uma ideia da estranheza deste animal mando-lhe um desenho. Tem cor de um sapo, é enormemente maciço e coberto de escamas. É do tamanho de um elefante, mas mais baixo, e é o seu inimigo mortal. Na parte superior do focinho tem um corno aguçado e forte.»*

Carta enviada de Lisboa para um comerciante em Nuremberga, na Alemanha (1515). Autor não identificado até hoje.

### CENÁRIO FINAL

Os mares do Mediterrâneo onde Ganda encontraria a morte.

# 4

## SALOMÃO, O ELEFANTE QUE APAIXONOU A CASA DE HABSBURGO

---

**BRESSANONE, ITÁLIA**

*2 de Janeiro de 1552*

*«... esteve aqui abrigado este animal Elefante, desconhecido na Alemanha, para honra do poderoso príncipe Maximiliano, Rei da Boémia e Arquiduque da Áustria...»*

Inscrição pintada na parede do Hotel Elephant em Bressanone (Brixen), Tirol italiano.

### CENÁRIO INICIAL

Uma pequena frota aproxima-se para aportar em Savona, no litoral da Ligúria, perto de Génova, numa manhã solarenga e fria do Outono de 1551, levando um casal de jovens príncipes e a sua exótica prenda, um elefante indiano.

## BIBLIOGRAFIA

---

As histórias sobre os três paquidermes descritas neste livro, bem como as narrativas dos contextos em que estiveram envolvidos, foram o resultado de uma pesquisa em publicações (livros e periódicos) que se ocuparam com este tema anteriormente.

Nesta bibliografia o leitor encontrará a lista das referências utilizadas, que podem servir como uma base para aprofundamento da investigação neste tema.

ARAUJO, Norberto (1940, 1993), **Peregrinações em Lisboa**, Editora Vega, Lisboa.

BARBAS, Helena (2000), «Monstros: O Rinoceronte e o Elefante – Da ficção dos Bestiários à Realidade Testemunhal», *Actas do V Encontro Luso-Alemão*, Colónia e Lisboa, pp. 103-122.

BEDINI, Silvio A. (1981), «The Papal Pachiderms», *Proceedings of the American Philosophical Society*, 125, pp. 75-90.

BEDINI, Silvio A. (1997), **The Pope's Elephant**, Penguin Books, England.

BIEDERMANN, Zoltán (2005), «Das Geschäft mit den Dickhäutern: Anmerkungen zum Ceylonesischen Elefantenhandel vom 16. bis zum 18. Jahrhundert», *Mirabilia Asiatica* 2, pp. 141-167.

BUESCU, Ana I. (2008), **D. João III**, Temas & Debates, Lisboa.

- CARNEIRO, Roberto e TEODORO DE MATOS, A. (2004), (Eds.), **D. João III e o Império – Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento**, Centro de História de Além-Mar e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Lisboa.
- DENKEL, Norbert (1980), «Soliman, der große Graue von Brixen», *Die Zeit*, Hamburg, 21, März.
- HALBRITTER, Roland (2002), «“Hellafandt alhir” – Der reisende Elefant Soliman- Vom lebenden Fürstengeschenk zum Kunstkammerobjekt», *Jahrbuch für Volkskunde* NF 25, pp. 194-200.
- HEISS, Hans (2002), «*Der Weg des “Elephanten”*», Folio Verlag, Bozen.
- HINSHAW-FISCHLI, Robert E. (2003), «Some Italian and German Representations of India in the Early Renaissance – with a Predilection for Elephants», em K. S. Mathew (Ed.), **Maritime Malabar and the Europeans**, Capítulo 7, Hope India Publications e Institute of Asian Studies, Kolkata.
- HUBER, Walter e KRAFT, Richard (1994), «Aufrecht stehend, mit Stro ausgeschoppt», *Charivari*, vol. 12, pp. 29-34.
- HYE, Franz-Heinz (1974), «Der “Brixner” Elefant von 1552 – ein heraldisches Denkmal des Nachmaligen Kaisers Maximilian II», *Der Schlern*, vol. 48(3), pp. 110-119.
- NORFOLK, Lawrence (1996), **The Pope’s Rhinoceros – A Novel**, Grove Press, New York.
- OLIVEIRA e COSTA, João P. (2007), **D. Manuel I**, Temas & Debates, Lisboa.
- OLIVEIRA e COSTA, João P. (2002), «O Império Português em meados do Século XVI», *Anais de História de Além-Mar*, vol. III, pp. 87-121.
- OPLL, Ferdinand (2004), «... ein(e) vorhin in Wien nie gesehene Rarität von jedermann bewundert», *Jahrbuch des Vereins für Geschichte der Stadt Wien*, vol. 60, pp. 229-272.



- OPLL, Ferdinand (2005), «Neue Erkenntnisse zum ersten Wiener Elefanten», *Jahrbuch des Vereins für Geschichte der Stadt Wien*, vol. 61, pp. 337-343.
- PETTEGREE, Andrew (2002), **Europe in the Sixteenth Century**, Blackwell Publishing, Oxford.
- POGGI, Gaetano (1905, 2006), **Genova – XXVI Secoli di Storia**, Fratelli Frilli Editori, Genova.
- RETTICH, Margret (1984), **Soliman der Elefant**, Otto Maier Verlag, Ragensburg.
- RODRIGUES, Jorge Nascimento e DEVEZAS, Tessaleno (2007), **Portugal – O Pioneiro da Globalização**, Centro Atlântico, V.N. de Famalicão.
- SAURER, Karl e HINSHAW-FISCHLI, Elena (2003), «They called him Suleyman: The Adventurous Journey of an Indian Elephant from the Forests of Kerala to the Capital of Vienna in the Middle of the Sixteenth Century», em K. S. Mathew (Ed.), **Maritime Malabar and the Europeans**, Capítulo 6, Hope India Publications e Institute of Asian Studies, Kolkata.
- THOMAZ, Luís Filipe (1994), **De Ceuta a Timor**, Difel, Lisboa.



# A HISTÓRIA DA ÚLTIMA JÓIA DO IMPÉRIO

## A incrível história de Salomão, o elefante-diplomata de D. João III que viajou da Índia a Viena de Áustria

### QUATRO RAZÕES PARA VISITAR O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS

- As histórias de elefantes e rinocerontes que encantaram Imperadores, Reis, Rainhas e Papas, arrastaram massas em delírio pela Europa e integraram o escol de diplomatas que afirmou Lisboa como capital da globalização.
- O último paquiderme da diplomacia portuguesa do séc. XVI – *Salomão*, o elefante oferecido por D. João III ao futuro imperador da Casa de Áustria.
- A crónica pitoresca desta última jóia do Império do Oriente antecederia pelas estórias do elefante branco oferecido ao Papa por D. Manuel I, e que o povo romano baptizou de *Annone*, e do rinoceronte que Dürer imortalizou na mais célebre gravura sobre animais.
- Jogos de geopolítica quando os animais da selva eram protagonistas do marketing político internacional dos reis portugueses da época áurea da Expansão.

### SEGREDOS QUE PODE DESVENDAR

- Saiba porque o Papa Leão X cultivou uma paixão por *Annone* e o mandou pintar num mural no Vaticano pelo grande Rafael.
- Descubra a trágica viagem de *Ganda*, o rinoceronte que não chegaria a Roma, mas que em Lisboa foi o herói de um combate frustrado que impressionou o jovem príncipe herdeiro D. João.
- Conheça os ziguezagues e segredos da viagem de Salomão em missão entre Portugal, Espanha e o Sacro Império Romano-Germânico, atravessando mares e montanhas.